



**ANTONIO MENEGHETTI FACULDADE
ESPECIALIZAÇÃO EM ONTOPSICOLOGIA**

JAQUELINE MILANESI

**CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA O LÍDER NA
GESTÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL**

**RESTINGA SÊCA, RECANTO MAESTRO
2026**

JAQUELINE MILANESI

**CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA O LÍDER NA
GESTÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Ontopsicologia, Curso de Especialização em
Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti -
AMF.

Orientadora: Profa. Ma. Josiane Peccin Barbieri

**RESTINGA SÊCA, RECANTO MAESTRO
2026**

JAQUELINE MILANESI

**CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA O LÍDER NA
GESTÃO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em
Ontopsicologia, Curso de Especialização em
Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti -
AMF.

Orientadora: Profa. Ma. Josiane Peccin Barbieri

Recanto Maestro, 07 de agosto de 2026.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ma. Josiane Peccin Barbieri
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Profa. Dra. Daniela Sudbrack Gaspar Raiser
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Dr. Adriano Puerari
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Contribuições da ciência Ontopsicológica para o líder na gestão da administração pública municipal

Jaqueline Milanesi¹
Josiane Peccin Barbieri²

Resumo

Este estudo é um ensaio teórico bibliográfico sobre a obra de Antonio Meneghetti, a fim de explicitar a temática do líder que ocupa uma função na política. A pesquisa parte de uma reflexão derivada da situação real da autora, que, tendo sua carreira como liderança empresarial no setor privado, recentemente assumiu a prefeitura de município situado no Rio Grande do Sul, iniciando assim sua atuação como gestora pública. Ainda que muitas sejam as problemáticas que emergem das instituições neste contexto, o presente estudo se propõe a analisar, a partir da ótica da Ciência Ontopsicológica, como a *forma mentis* empresarial do líder pode contribuir para o desenvolvimento do contexto social, quando este atua na gestão da administração pública municipal. Delineamos os seguintes objetivos específicos: 1) explicitar a contribuição da vivência empresarial para a gestão pública municipal; 2) identificar princípios que fundamentam rotinas na gestão administrativa de pessoas para um resultado de crescimento; 3) contribuir com reflexões sobre formas de relação de parceria entre setor público e privado. A importância deste trabalho reside em elucidar algumas passagens práticas a fim de construir um repertório capaz de orientar ações que possam se tornar fontes de inspiração para aqueles líderes que se aventuram a ocupar cargos de liderança na administração pública municipal. O líder político pode ser um bem a muitos. Saber gerir de forma inteligente esse espaço de poder contribui para a garantia do humano no contexto social.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Psicologia do Líder; Política; Gestão Pública; Administração Pública Municipal.

¹ Administradora. Empresária. Prefeita. Especialista em MBA Business Intuition, Acadêmica da Especialização em Ontopsicologia da Antonio Meneghetti Faculdade e-mail: jaqueline@premil.ind.br

² Psicóloga. Ontopsicóloga. Consultora Empresarial. Especialização em Psicoterapia de Adolescência e Psicologia Social. Mestrado em Filosofia. Profa. do Curso de Graduação e Especialização em Ontopsicologia pela Antonio Meneghetti Faculdade. e-mail: josiane@metanoiadirencial.com.br

Contributions of Ontopsychological Science to the Leader in Municipal Public Administration Management

Abstract

This study is a theoretical-bibliographical essay on the work of Antonio Meneghetti, aimed at explaining the theme of the leader holding a role in politics. The research stems from a reflection derived from the author's real-life experience, who, after building a career as a business leader in the private sector, recently assumed the mayoralty of a municipality located in Rio Grande do Sul, thereby initiating her work as a public manager. Although numerous issues emerge from institutions within this context, this study proposes to analyze, from the perspective of Ontopsychological Science, how the leader's business *forma mentis* can contribute to the development of the social context when acting in municipal public administration management. We outline the following specific objectives: 1) to articulate the contribution of business experience to municipal public management; 2) to identify principles underlying routines in administrative people management aimed at growth outcomes; and 3) to offer reflections on modes of partnership between the public and private sectors. The significance of this work lies in elucidating practical pathways to build a repertoire capable of guiding actions that may inspire leaders venturing into leadership roles within municipal public administration. The political leader can be an asset to many. Knowing how to intelligently manage this realm of power contributes to safeguarding the human element within the social context.

Keywords: Ontopsychology; Leadership Psychology; Politics; Public Management; Municipal Public Administration.

1 Introdução

As grandes problemáticas sociais - economia, saúde, educação, meio ambiente, vulnerabilidade financeira, emprego, violência, moradia etc. - recaem, cedo ou tarde no setor público, para que este, na qualidade de mediador comum, encontre as soluções. Neste contexto estão as lideranças que exercem a gestão da *res* pública, ou seja, da coisa pública, sendo importante analisar como é possível auxiliá-las a exercer tais funções a partir de uma perspectiva que garanta o humanismo “sob e dentro da hierarquia do Ser” (Meneghetti, 2014b, p. 136). Isto é, que considere valores fundamentais à vida humana em sociedade e, com isso, consinta a evolução do homem nesse contexto. As problemáticas sociais são complexas e perpassam as instituições públicas, que, portanto, possuem um papel mediador fundamental para promover as melhores soluções.

No contexto em que vivemos, apesar da necessidade de organização da *res* pública ser uma constante e impactar diretamente na vida de cada cidadão, o interesse em participar ativamente na gestão da vida pública, candidatando-se a realizar as funções administrativas, muitas vezes adquire um sentido pejorativo e depreciativo. Todos os cidadãos são parte da *polis*, isto é, da cidade em que habitam. Portanto, são políticos e exercem seu poder de decisão. Querendo ou não, exercem influência, mesmo quando entendem que, ao não agirem, não interferem. Em realidade, essa postura é um engano, porque a omissão é também um ato político. Não há como eximir-se da vida pública, e, com isso, de uma responsabilidade iminente e imanente, pois somos entes sociais. O homem se distingue de todos os animais “por *capacidade multi-relacional*” (Meneghetti, 2014a, p. 72, grifo do autor). É dizer que “eu sou o outro e o outro é eu” (Meneghetti, 2014a, p. 9).

Fazer parte diretamente da gestão pública implica uma responsabilidade, um comprometimento de serviço ao bem comum. Política significa “[a]rte de coordenar os vários interesses e meios a um fim que seja de comum evolução para todos” (Meneghetti, 2002, p. 20). Partindo desse fundamento teórico, o problema de pesquisa que investigamos é o seguinte: a partir da perspectiva Ontopsicológica, como o político pode exercer a gestão da administração pública municipal tendo como escopo a evolução de todos, considerando que a autora é líder empresária que atua como prefeita de município da Quarta Colônia de Imigração do Rio Grande do Sul?

Definimos, portanto, como objetivo geral de pesquisa: analisar, a partir da ótica da Ciência Ontopsicológica, como a *forma mentis* empresarial do líder pode contribuir para o

desenvolvimento do contexto social, quando este atua na gestão pública municipal. Para alcançar tal escopo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: 1) explicitar a contribuição da vivência empresarial para a gestão pública municipal; 2) identificar princípios que fundamentam rotinas na gestão administrativa de pessoas para um resultado de crescimento; 3) contribuir com reflexões sobre formas de relação de parceria entre setor público e privado.

Entendemos que nosso estudo reflexivo, tendo como suporte teórico a Ciência Ontopsicológica, se justifica porque pode contribuir para motivar empresários a assumirem cargos de gestão pública. Os empresários, na condução de seus negócios, se confrontam com impasses gerados por mecanismos legais e burocráticos determinados pelos diversos poderes públicos. Por sua vez, as ações de sua prática empresarial cotidiana são impactadas diretamente por decisões políticas. Por isso, ao ser diretamente impactado pelos movimentos do setor público, o empresário pode se interessar em contribuir para o funcionamento deste. A partir de seu envolvimento, poderá colaborar também com a sua comunidade, na medida em que aplicará na gestão pública a sua *forma mentis* de líder. Ao mesmo tempo, a partir do aprimoramento que poderá estimular na administração pública, tem oportunidade de promover o crescimento do setor privado, refletindo em melhores condições de serviços públicos a todos.

O estudo igualmente se justifica pela sua contribuição direta à autora, que poderá se valer das constatações aqui sintetizadas para aprimorar a maneira como exerce sua função pública na gestão administrativa. Este trabalho pode auxiliar ainda no desafio de conciliar a lógica do setor público com o setor privado, entendendo quais são as contribuições da forma de administrar de um empresário para a superação de práticas que impedem o atingimento do fim do serviço público: o bem comum.

Do ponto de vista prático, nosso estudo pode contribuir para superar alguns dos desafios que a gestão administrativa no setor público enfrenta. Um dos que entendemos ser urgente é a estabilidade, pois pode gerar a estagnação. Para evitar tal estagnação, pode-se encontrar formas pelas quais as rotinas, as burocracias e as culturas instituídas contribuam para a prestação de serviços que sejam qualificados e que, ao mesmo tempo, tragam ganho mental para os servidores (Meneghetti, 2013).

Para o gestor público, é um desafio instituir uma cultura da responsabilidade. Esse trabalho, portanto, pode fornecer referências de como implementar uma *forma mentis* que estimule amplamente a responsabilização pessoal, isto é, de servidores, de gestores, de lideranças e de cidadãos. Com isso, se pode gerar “evolução para todos” e aprimoramento do ser humano, do setor público e de toda a esfera da sua gestão, para que cada ação tomada esteja

em consonância ao projeto de desenvolvimento do município que, por sua vez, será a maneira de estimular crescimento a todos os que nele habitam ou com ele se relacionam. Pode-se então iniciar a construção de uma forma de atuação em que o crescimento pessoal não objetive unicamente incremento no salário, mas sim ganhos reais de capacidade técnica de resolução de problemas e de realização pessoal.

Este estudo é uma oportunidade de compreender onde está ou em que consiste o ponto, ou o critério, que dá satisfação pessoal e, ao mesmo tempo, realização externa na administração do serviço público. Com isso, torna-se possível identificar as potencialidades existentes e, a partir delas, verificar as formas pelas quais o serviço público pode contribuir com a realização pessoal de cada servidor e cidadão. Entendida assim, a gestão do setor público se torna uma forma de pedagogia, que pode conduzir à qualificação tanto da atuação dos servidores, como das escolhas dos candidatos na hora do voto pelo cidadão, a partir da identificação desse critério, que servirá para verificar a qualidade do serviço público e para saber em quem votar. Assim, conduz-se à responsabilização dos servidores em suas atividades públicas e dos eleitores na escolha dos candidatos.

A abordagem metodológica deste artigo seguiu os pressupostos da pesquisa qualitativa e se define como ensaio teórico de revisão bibliográfica sobre o assunto. Este estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, cujo objetivo primordial é proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses preliminares (Gil, 2002). No que tange aos procedimentos, a investigação assume a forma de pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente na obra de Antonio Meneghetti, especialmente contido em seus livros.

A opção em estudar essa temática na obra do referido autor decorre da sua contribuição e legado, o que nos instiga a aprofundar e abrir a compreensão da implicação de seu pensamento na área da política. Esta que, segundo o próprio autor, é a pedagogia social exercida por políticos autênticos. Meneghetti (2022, p. 67), indica que a Ontopsicologia é uma ciência à serviço da evolução do homem, definindo-a como uma “inteligência de serviço”. Na perspectiva ontopsicológica, à medida em que o líder político evolui em correspondência à própria identidade, é garantido o todo do composto social em que este opera. Além disso, localizamos poucos estudos que trazem a temática da psicologia do líder na política a partir da referência da Ciência Ontopsicológica. Daí o motivo de delimitarmos nossa pesquisa à obra desse autor e buscar contribuir com o propósito de evolução do social a partir da evolução do líder político.

Embora o autor tenha algumas obras que tratam diretamente do tema do líder político, como os livros “Sistema e Personalidade”; “A crise das democracias contemporâneas”, “Direito Estado e Sociedade”; “Economia e Política no Brasil hoje”, em nossa pesquisa, exploramos outros livros e textos nos quais o autor aborda o tema e que nos servem de elementos para explicitar o problema e os objetivos de pesquisa que nos propusemos.

A pesquisa foi estruturada em seis sessões. Na primeira, situamos e explicitamos o problema de pesquisa e os objetivos. Na sessão dois, desenvolvemos conceitos de Estado, Sociedade, Política, líder e a sua psicologia ao poder. Na sessão três, elaboramos a compreensão da relação entre o líder e o jogo político no poder e a responsabilidade da pessoa. Na sessão quatro, construímos relações entre a gestão do poder público e privado e a mudança da cultura na gestão das organizações públicas. Na sessão cinco, trabalhamos as relações entre a função do líder político e o desenvolvimento das pessoas. E, por fim, na última sessão, construímos reflexões sobre a ação do poder que o líder político pode exercer na qualidade dos serviços e como operar uma lógica que transcende seu mandato.

2 Estado, Sociedade e Política: a psicologia do líder como poder

Para adentrar no campo teórico que tange a temática de pesquisa que nos propomos dar conta, entendemos ser necessário introduzir a Ciência Ontopsicológica e, então, explicitar o conceito de Estado, sociedade e política a partir de sua visão. A pesquisa dessa ciência procura colocar em evidência “*o princípio elementar do constituinte homem como unidade de ação*” (Meneghetti, 2022, p. 81, grifo do autor). Essa perspectiva investiga a normotipia do critério humano, a radicalidade da atividade psíquica, incluindo a compreensão do ser (Meneghetti, 2010; 2019). Em outras palavras, a Ontopsicologia busca entender o homem em todos os seus aspectos, do racional ao intuitivo, do material ao metafísico, com o objetivo de que este possa realizar ao máximo quem verdadeiramente é, ou seja, o próprio potencial natural (Meneghetti, 2010).

No devir existencial, quando o ser se põe e decide encarnar em individuação, expressa-se por meio de um código-base que é único. A Ontopsicologia, por meio de sua pesquisa, consente a análise racional da informação deste código base, que é o princípio da vida em cada ser humano e, portanto, é o que lhe dá a própria identidade. Nas palavras de Meneghetti (2022, p. 87, grifo do autor) “*toda a Ontopsicologia é uma técnica instrumental para chegar à função do homem realizado: sabe identificá-lo, curar e lhe dar a sinalética na qual tornar-se mais*”. Uma das aplicações desta ciência é a psicologia do líder, pois “o verdadeiro líder é o *momento*

providencial do espírito no mundo como mão de auxílio para muitos” (Meneghetti, 2013, p. 21, grifo do autor). Portanto, quando conhece a si mesmo e realiza o próprio potencial natural, o líder pode exercer uma função de evolução aos muitos naquele contexto social e político.

O líder é alguém que constrói a função, prepara-a, quando necessário aperfeiçoa-a, portanto, é um artesão. É alguém que sabe fazer a relação com vantagem, com ganho. É um vetor proporcional de diversos pontos-força. *É uma pessoa que, estabelecido um escopo, busca e cria os meios e as pessoas funcionais ao escopo.* Todas as relações que dependem dele são somente instrumentos causais ou causas instrumentais; ele é a mente de tudo o que acontece em referência ao seu contexto. *É a mente operadora de funções a um escopo.* Centro operativo significa também que o líder é o estrategista econômico dos meios para alcançar o escopo (Meneghetti, 2013, p. 22, grifo do autor).

A Ciência Ontopsicológica se interessa pela causalidade do mover-se da atividade psíquica humana, ou seja, por aquele invisível que depois causa tudo o que vemos como sentimentos, ideias, ações, palavras, emoções etc. O objeto de estudo desta ciência, portanto, é o princípio onde se radica a atividade psíquica humana, isto é, o Em Si ôntico. “A novidade de toda a escola ontopsicológica é ter encontrado o instrumento operativo do nexo ontológico, isto é, ter evidenciado o Em Si ôntico” (Meneghetti, 2010, p. 558). Uma das definições de Em Si ôntico é como “modulador de frequência do mundo da vida. Esse Em Si ôntico é o ponto lógico que dá a unidade de ação entre fenômeno e originário absoluto; é o instrumento que dá a reversibilidade entre ser e símbolo” (Meneghetti, 2010, p. 504).

É dizer que este princípio causante é o critério que permite ao homem saber quando está agindo conforme a própria identidade e, portanto, juntamente com a vida que o põe aqui e agora. Saber identificar e agir conforme esse critério é fundamental para os líderes políticos que realizam a gestão administrativa, pois eles estão em um ponto de poder que pode estimular inteligências e dialéticas que impõem uma aceleração à existência humana, tanto individual como social (Meneghetti, 2013). Eis então que nos referimos ao líder como gestor administrativo do poder público municipal.

Adentrando a esfera do setor público, entendemos que é fundamental esclarecer os conceitos de Estado e sociedade pela perspectiva da Ciência Ontopsicológica. Meneghetti (2009) a partir da análise de como as coisas estão, expõe a relação entre Estado e sociedade. Segundo sua visão, “o Estado é a expressão de força e violência, é a exposição física de um conjunto societário [...] algo que se sujeita uma vez que se estabeleceu” (Meneghetti, 2009, p. 39). Neste sentido, o Estado se materializa como poder sobre todo e qualquer cidadão, mas ao mesmo tempo é ele quem dá e garante a ordem à todos os cidadãos. Contudo, para que o Estado seja eficiente é necessário que a sociedade seja vigilante (Meneghetti, 2009). Continua o autor,

“‘Sociedade’ é ainda um termo simpático que implica, conhecimento, amizade, conjunto” (Meneghetti, 2009, p.39), que tem por função a vigilância do Estado.

Quando mencionamos gestão da administração pública municipal, estamos nos referindo à função política exercida por um líder. Para Meneghetti (2022, p. 255) “política é a arte do governo, isto é, a arte de governar a cidade, como administrar uma sociedade”. Resgatando o conceito clássico, o autor explicita que, o “*critério da política é a função ao escopo*” e, “*o escopo é o bem público*” (Meneghetti, 2022, p. 225, grifo do autor). Isso significa que exercendo essa função, o político conduz a “um ordenamento que restitua todos os colaboradores, para o social e também para si mesmos” (p. 225). Segundo o autor, esses são os dois pontos ontológicos: função e o escopo, os quais não são ideias, no sentido de que não há uma política previamente definida como funcional ao escopo e que seja sempre aplicável. Pelo contrário, para compreender como exercer essa arte, temos que considerar os contextos históricos, sociais e econômicos reais. Acrescenta o autor que:

Fazer uma política democrática é uma contradição política, se a política é a arte do bom governo, a arte do sucesso do bem comum. Se a política é a arte, a técnica de causar o bem público, o bem da *pólis*, é evidente que deva nascer de uma inteligência arquiteta, de um projeto de inteligência superior. O gênio não nasce da massa ou da democracia: é um fenômeno da providência da vida. Portanto, *a grande política é sempre uma oligarquia da biologia universal* (Meneghetti, 2022, p. 169, grifo do autor).

Aquele que faz política é um líder, em sentido de ser um oligarca da vida, é ele que arquiteta com inteligência superior “a arte do sucesso do bem comum” (Meneghetti, 2022, p. 169). O líder possui a técnica de causar o bem comum da *polis*, ele usa a superioridade da sua inteligência “porque *a inteligência é a primeira energia, a primeira arma, é a estrada natural de quem vence*” (Meneghetti, 2022, p. 97, grifo do autor). Por isso, é fundamental que, quando nos referimos à política, precisamos entrar na raiz daquela psicologia que reconstitui o fio da inteligência vencedora do líder, como garantia de bem-estar e vida abundante aos muitos. “*A energia-base que funda todas as outras é a inteligência*. Um povo ou uma escola que saiba gerenciar esse enorme poder da inteligência, que é derivado do Em Si, possui a energia-base que pode controlar qualquer outra energia” (Meneghetti, 2022, p. 97, grifo do autor). Desta forma, é fundamental uma psicologia para o homem líder, porque ela é um grande instrumento, é por meio dela que os grandes homens da história da humanidade venceram. “Vencer significa privilegiar o próprio destino, responder à vocação espiritual que o grande tem dentro de si” (Meneghetti, 2022, p. 199).

A partir do pensamento de Meneghetti (2019b), compreendemos que, um líder que se torna político, deve manter fiel sintonia com a intencionalidade da natureza, isto é, com aquela ordem apriorica ou “lei preexistente no interior do nosso psicoorgânico” (Meneghetti, 2021, p. 148). Esse é o modo de garantir a evolução de todos, pois, se os governos e governantes são guiados por outro critério, que não o próprio da natureza humana, necessariamente suas ações resultarão estranhas no humano, reproduzindo em larga escala efeitos não positivos a este.

Para saber ler e aplicar a intencionalidade de natureza, momento a momento, o operador social deve fazer o constante ajuste da sua mente em conformidade com o real, com como a vida pulsa a cada instante no aqui, agora e assim. “A substância é que precisamos sempre estar prontos a mudar as nossas ideias para ser sinérgicos com a intencionalidade da vida” (Meneghetti, 2019b, p. 117). O cuidado do líder é estar com a mente aberta e aprender a usar os diversos modelos mentais, estereótipos e ideologias de forma a fazer evolução a todos. O autor declara que:

[...] a humanidade tem necessidade de líderes como funcionários de providência para todos. É o líder que cria as estruturas de serviço para todos e, portanto, é preciso repropor a capacidade de evolução e de servir em modo funcional as múltiplas exigências do devir histórico deste mundo (Meneghetti, 2022, p. 69).

O líder, ao assumir um cargo político, está diretamente ligado a um sistema, num espaço de poder dentro do jogo. Se ele se posiciona com uma perspectiva humana de construção do bem comum, tem condições de configurar e organizar meios, funções que levam os indivíduos a construírem o melhor para si e para os outros.

O líder é tal na medida em que é serviço aos múltiplos, aos quais supervisiona; portanto, não é uma preeminência de controle como poder (isto seria um sentido de antítese na vida). *O verdadeiro líder é aquele que - através da sua inteligência e da sua capacidade de performance superior - sabe ser serviço e êxito para muitos.* Pela sua intuição, pela sua capacidade de colher as diversas facetas do aspecto policromo do social psicológico, econômico, tecnológico, em todas as diversas implicações que fazem a história do uno como do social, sabe ser solução correspondente, reconhecimento e ponto de ruptura de horizontes. (Meneghetti, 2019b, p. 115, grifo do autor).

As possíveis fenomenologias do ser são infinitas, porém, naquele contexto, naquela situação, com aquelas regras e peças e suas possibilidades de ação, é possível o líder intuir³ a saída perfeita. Com isso, favorece a solução que gera maior crescimento a todos por meio de um ambiente fértil em que crescem como inteligência e pessoa. Esse poder de decisão porta

³ Intuir significa identificar, no interior de cada situação, quem é o *dominus* da coisa, tendo em vista que o critério, isto é, o Em Si ôntico, dá a coisa ao senhor único (Meneghetti, 2009).

uma responsabilidade e a possibilidade de promover mudanças, proporcionar estímulos e tudo o que é necessário para gerar as alterações que intuiu como solução integral. Não apenas consente o resultado esperado, mas também abre novas possibilidades de crescimento a todos.

No contexto do poder existem estímulos que podem levar o líder a perder o contato com a simplicidade e a eternidade dos valores da própria alma, do próprio espírito e, com isso, perder a conexão com o critério: o Em Si ôntico. Existe o risco de acreditar em papéis pré-fixados e perder a própria estrada. Isso porque, os papéis pré-definidos impedem o líder de verificar qual seria o melhor a utilizar naquele momento. Por exemplo, se assumir o papel de ser cordial ou o de se mostrar firme em uma situação para alcançar determinado escopo. É preciso exercer a humildade de saber identificar e ser fiel ao escopo, para viver uma criação contínua de si mesmo.

Meneghetti (2019, p. 72) orienta que o líder “não pode ficar parado em nenhum papel, em nenhum trilha, em nenhum símbolo: deve estar sempre pronto ecceicamente para a contínua semovência da existência”. Portanto, deve sempre transcender os papéis que ocupa ou usa nos diferentes momentos de sua existência. Sua mente deve estar em díade (relação) constante com o mover-se da vida, com a verdade da sua alma, com os valores profundos do seu espírito. Embora use os papéis, atua as diferentes possibilidades destes no jogo do sistema social para vencer.

É preciso crescer fazendo dialética de inteligência com o sistema, pois não é possível crescer sem o sistema. Fazendo ou cumprindo aquilo que o sistema prevê, determina ou está configurado, se consegue crescer como personalidade, como inteligência, como humanidade capaz de contribuir para a história dos tantos outros seres humanos.

O sistema é constituinte da nossa história em crescimento: sem uma forma, um endereço, o processo da verbalização, nós não podemos devir, por isso o sistema é intrínseco ao nosso ato de existentes. O sistema, naquilo que é o seu reflexo sócio-político, é importante para quem controla o empenho da ordem pública, independentemente de ser o rei, o ditador, Senado, o Parlamento: sem o sistema, nenhum chefe pode chegar a controlar como serviço (Meneghetti, 2019, p. 115).

Desta forma, o sistema é constituinte da nossa existência humana e ir contra o sistema é ser retirado do jogo, pois a existência ocorre na história e só se pode vencer quando estamos na dialética com os outros. Somos nós que constituímos e fazemos o tabuleiro, as peças e o jogo e as suas regras.

3 O líder, o poder no jogo político e a responsabilidade da pessoa

Em todo esse contexto do jogo político é importante sublinhar: “não existe a coisa, o objeto sem o seu natural sujeito” (Meneghetti, 2009, p. 44). Isso significa que o líder político, no jogo do poder, deve saber gerenciar e apropriar-se do que é seu apenas. Pois, a coisa clama a quem lhe pertence, esta é a ordem natural das coisas.

O líder, quando tem ampliada a sua consciência acerca das problemáticas sociais reais, atua no cerne das questões, envolvendo e responsabilizando as pessoas. Dentro das problemáticas que o líder político percebe no contexto, evidencia a solução que o aumenta, isto é, que o torna mais a si mesmo, colhendo a oportunidade da ação pontual ao sucesso naquele contexto existencial. Pode então, por meio de sua *forma mentis* de liderar, gerar um legado de contributo de valor social e se autorrealizar no decorrer da própria história.

Análises de mercado e de empresa, de política e de economia social, revelam que o dado comum em todas as realizações é a ação de intervenção centrada de um líder, que se evidencia tal pelo quanto dá convergência à solução do contexto em estresse ou tensão. É o líder quem impacta a proporção do sucesso consentido pelas intrínsecas relações de um contexto (Meneghetti, 2019b, p.117).

Ao agir com intervenção centrada, o líder não busca o vencer como fim, mas vence porque escolhe realizar aquelas coisas que identifica como desafios a sua inteligência, como forma de jogo existencial de prazer. “Sentido de oportunidade e proporção de intervenção exigem uma constante revisão de ponto de vista para a tomada do evento” (Meneghetti, 2019b, p. 117). Trata-se de fazer o que pode com aquilo que o desafia, que o toca dentro, que o chama como responsabilidade, com seus meios e sua capacidade de gerir. Indica Meneghetti (2022, p. 79) que “é importante a técnica, a racionalidade. Isto é, é preciso fazer uma exata encarnação”. Portanto, é o líder que, por meio de sua inteligência e intuição, gere o potencial que tem disponível naquele momento e contexto. Assim, para gerir e coordenar bem todos os seus recursos, o líder precisa conhecer a própria alma, o seu Eu íntimo, que é “o princípio elementar do constituinte homem como unidade de ação” (Meneghetti, 2022, p. 81). Na medida em que identifica o que o toca dentro como chamado, como ambição, como capacidade de ação e age, se torna instrumento de mudança de percepção e de comportamento das pessoas. Conforme Meneghetti (2019b, p. 116):

O líder não se move segundo a sua específica, individual inteligência, mas segundo a exigência do grupo que representa. Substancialmente, sendo função pública, é alguém que para si mesmo desaparece e, no final, não tem uma real liderança em sentido egóico, mas tem sempre uma liderança projetiva dos muitos, para os quais a sua inteligência e toda a sua obra constitui-se serviço.

O ponto fundamental para o líder é manter a própria integridade daquilo que é, o move e é importante para a própria construção de valor como pessoa, tendo como critério o próprio Em Si ôntico. Portanto, as motivações para as escolhas do líder são as suas ambições, seu próprio projeto e, por meio daquelas coisas que tocam o seu íntimo e o provocam a ser mais, ele realiza as pequenas e cotidianas ações que o levam à construção de si, e assim, à sua própria grandeza. “Homens ou mulheres definem-se líderes de ação enquanto inteligências para mediar os meios ao fim com vontade de poder e interesse social. Substancialmente, trata-se de realizar a própria ambição através do útil para outros” (Meneghetti, 2019b, p. 117). O político, através do cargo de gestão pública, realiza a própria ambição de querer ser uma mão de auxílio à comunidade, ao seu entorno, aos outros. Por isso, ser político é uma missão.

São as ações pequenas e silenciosas que produzem o impacto da mudança sobre os liderados e os fazem mudar também, pois sentem a sua responsabilidade nessa construção de trabalho conjunto. Ao se somar ao líder, sentem orgulho de poder servir e trabalhar com alguém que coloca grandeza nas pequenas coisas do dia a dia.

[...] é importante que nenhum *homem seja utilizado como meio para outro escopo* - que seja uma necessidade histórica, seja um superior fim político - *ou seja constrito a sacrificar-se por objetivos de outros homens*, enquanto cada ser humano é um escopo a si mesmo. Por exemplo, mandar jovens a se matar para transplantar a própria "democracia" no Afeganistão é um comportamento contrário aos princípios humanistas. Um homem pode oferecer a si mesmo para um holocausto, e em tal caso pode ser "usado" com o seu livre consentimento, mas é ele quem decide e tal liberdade permanece soberana. Portanto, também escolher a eutanásia é um direito do homem: a sociedade não pode impor-lhe a negação, porque instrumentalizaria a liberdade e a unicidade daquele homem por um escopo legal de controle total do Estado sobre os cidadãos. (Meneghetti, 2014, p. 74-75, grifo do autor).

Podemos compreender, a partir deste excerto, qual é a ética intrínseca na relação entre o sistema e a pessoa. Fundamental é resguardar o direito de decisão da pessoa, o que implica em exercício de responsabilidade constante da pessoa como ente individual e social.

Os problemas sempre são delimitados a condutas (estereótipos) das pessoas, daí por que é fundamental se conhecer e conhecer os comportamentos psíquicos daqueles que são os liderados, os colaboradores mais próximos e também os cidadãos. “Os problemas não existem em si, mas existem no comportamento e na psicologia das pessoas” (Meneghetti, 2022, p. 109). O problema no âmbito político poderia ser de fácil resolução, entretanto, para isso, é preciso levar em consideração as ideologias, os interesses dos cidadãos e/ou dos partidos/vereadores/secretários. Por este motivo, torna-se necessário criar ou construir uma psicologia do consenso.

A diferença do político e do empresário é que o empresário faz, tem o ganho econômico, enquanto o político o é por missão, defende o valor do homem. Contudo, adverte o autor que, “para fazer política, primeiro é necessária competência econômica” (Meneghetti, 2022, p. 303). Isso porque, também o dinheiro, a riqueza, tem a sua psicologia, e o dinheiro requer alguém capaz de ser produção de serviço. Portanto, existe uma lógica exata por trás de uma mente empresarial vencedora do ponto de vista econômico.

Desta forma, o líder empresário que escolhe operar na política tem essa clareza da distinção das funções do escopo econômico e do escopo social. De todos os modos, sempre é um operador de vida, pois “o evento do espírito começa de um fato histórico qualquer e, se os operadores operam bem, o mesmo espírito pega aquele projeto e o sopra em todo o mundo” (Meneghetti, 2022, p. 99). Dessa premissa se abre a necessidade da formação de líderes políticos, em compreender e operar a “ordem única da vida”, para, “de humildes empregados do mundo, indiretamente ser funcionários do espírito” (Meneghetti, 2022, p. 99).

A esse ponto é fundamental considerar, no âmbito da psicologia do líder, o aspecto da inteligência ao feminino, tendo em vista ser a autora mulher líder política. Dentre os tantos estereótipos da feminilidade, tem-se aquele de ser o “sexo frágil”, que abdica das posições de poder dos negócios ou da política, deixando-os para os homens. A estrada é da responsabilização da própria mulher em saber pagar o preço por sua ambição e construir-se sem evadir-se em tantas possíveis máscaras que escondem e a protegem de assumir-se como pessoa capaz de contribuição histórica também para os muitos no contexto social.

Meneghetti (2022, p. 113) adverte que é preciso “desenvolver na mulher uma consciência liderística, não para fazer dialética contra o homem, mas simplesmente para desenvolver em liberdade e autonomia para si mesma como pessoa”. Portanto, a mulher líder é protagonista responsável de sua história, por iniciativa pessoal e própria, despindo-se dos véus que habitam na sua psicologia. Assim, a mulher deve superar aquela “*corrupção de projeto sobre os destinos fundamentais da pessoa*. Acima de tudo, a mulher é pessoa” (Meneghetti, 2022, p. 113, grifo do autor).

Adentrando especificamente na inteligência ao feminino, é preciso resgatar essa forma de gerir o poder para restituir o equilíbrio, pois, os corrimões do poder social foram construídos e categorizados segundo as lógicas da psicologia masculina. Então, ao assumir o protagonismo da liderança, ao invés de ter a própria inteligência como guia, a mulher pode se refugiar nestes modelos que não constituem o seu ponto força de identidade, que é diverso do modo da ação masculina.

Assumir um cargo de liderança na gestão da administração pública municipal pode exigir um movimento de superação e responsabilização pessoal constante em viver o próprio projeto como pessoa líder de inteligência ao feminino⁴. Conforme Meneghetti (2022), para isso, a mulher deve aprender a fazer transcendência de três aspectos que a aprisionam em uma “tumba psicológica”, os quais a levam a cometer os erros contra si, que são: sexo, amor e família⁵.

4 Gestão do poder público e privado e a mudança da cultura

Nesta sessão vamos desenvolver a compreensão a respeito do Estado e de como o líder político deve fazer para administrar a *res* pública, da qual é patrão, mas que “nasce depois do *dominus* e da *res*” (Meneghetti, 2014a, p. 109). Quando o político não souber administrar essa força que é a *res* pública, ela se torna “fera ambivalente” (Meneghetti, 2014a, p. 108). De acordo com o autor, a prioridade não é da *res* e nem do *dominus*, mas do modo da relação entre eles.

[...] *res clamat ad dominum*, a coisa chama o [seu] patrão [...], é a coisa que exige o patrão, o mestre, o senhor, porque a coisa, o *business*, a complexidade, a situação, sem o seu senhor, não se move, é amorfa. Apenas chega o patrão, isto é, aquele que sabe, que identifica, especifica, coordena, projeta, eis que entra a intencionalidade. Quando dizemos “intencionalidade”, começamos a entrar na ordem ontológica e então a fenomenologia da história, na sua causalidade, fundamenta-se no ser (Meneghetti, 2014a, p. 109, grifo do autor).

Para o líder, é preciso saber jogar e vencer dentro do jogo, do sistema. Para ganhar o jogo, depende do líder, é ele o vetor de criatividade, é ele que determina a vitória. “O empresário deve ser sempre uma mente transcendente em relação ao seu ter, ao seu fazer, porque do contrário perde o mandato histórico e econômico, a beatitude individual, a satisfação” (Meneghetti, 2014a, p. 110). E, assim como na empresa, na política, a lógica da relação vencedora é também essa. Ao mesmo tempo, diversamente do setor privado, isto é, da empresa:

[...] o Estado é necessário como fiador externo para garantir a ordem à maioria, entretanto, para que ele seja eficiente, é indispensável que a sociedade seja vigilante, uma sociedade com consciência ontológica, ou seja, composta por indivíduos que têm

⁴ “Se a mulher usa mal o próprio projeto existencial, é também verdade que tem uma fonte extraordinária dentro de si [...] o *componente mulher é importante para fazer dialética de evolução para todo o humano no futuro*” (Meneghetti, 2022, p. 117, grifo do autor).

⁵ “[...] *devemos criar um processo de responsabilização à iniciativa liderística da pessoa-mulher, e os modos são tantos*” (Meneghetti, 2022, p. 115, grifo do autor).

conhecimento real da situação - nas suas partes e contrapartes - para encontrar a solução funcional a cada momento (Meneghetti, 2009, p. 40).

O político deve ser esse indivíduo que mantém a consciência ontológica, tem uma consciência capaz de refletir o real, as coisas como são, sem os véus das ideologias, paixões, preferências, estereótipos e tantos outros filtros que opacam ou obstruem a compreensão das reais intenções que estão em jogo. Explica o autor: “não falo de consciência ‘honesta’, porém de uma consciência tecnicamente capaz de ler a situação como ela é” (Meneghetti, 2009, p. 40). Especifica que é preciso “uma consciência sem mitos, sem estereótipos, sem patologias, porque caso se parta da inexatidão na consciência dos juízes, legisladores, votantes etc., conseqüentemente ter-se-á erro na ação histórica” (Meneghetti, 2009, p. 40). Desta forma, somente com a consciência ontológica o político poderá encontrar a solução funcional a cada momento.

Para chegar à exatidão de norma elementar, a norma racional de crítica, para discriminar depois as conveniências institucionais para o Estado e para a sociedade, é preciso vocação, projeto e capacidade. Isso significa que, antes de se propor como guia ou solução para os outros, deve-se enfrentar uma revisão pessoal crítica, à luz do critério de medida do Em Si ôntico individual, porque este é o único critério formalizado pela intencionalidade de natureza dentro de cada individuação. E a Ontopsicologia é exatamente essa técnica experimental bem-sucedida (Meneghetti, 2014b, p. 135, grifo do autor).

Portanto, o líder político, além de ter vocação e capacidade, deve cultivar a exatidão de sua consciência, seguindo a intencionalidade em ato do próprio Em Si ôntico, momento a momento.

O erro está na consciência, isto é, o homem não reflete exatamente a lógica da natureza, a lógica ôntica da própria identidade de criatura. O nosso orgânico, a nossa mente é superior na medida em que é coordenada com as leis universais do cosmo. Uma consciência errada, ao contrário, implica em disfunções que se acumulam e depois devem ser desafogadas para consentir o equilíbrio do princípio, ou seja, autodestroem o que prejudica a primária originária ordem de natureza. Depois que essa (esquizofrenia existencial) foi demonstrada por via experimental, a Ontopsicologia elaborou o método para recuperar a exatidão de consciência (Meneghetti, 2009, p. 48).

Desta forma, é fundamental ao político ter essa compreensão profunda de que a esquizofrenia de muitos, isto é, o fato de não agirem conforme a própria identidade, o próprio Em Si ôntico, desafoga em perdas no contexto social. Portanto, os maiores responsáveis são os votantes, porque são eles que escolhem os líderes que farão a gestão do poder, que se torna supremo e é delegado por cada votante. Por isso, é preciso que o líder político mantenha acesa

essa chama de responsabilização constante de cada votante. Apesar de o líder escolher exercer a delegação de uma função por si, não pode se eximir de acompanhar quem o delegou para que este também exerça a sua função. Isto é, o eleitor não pode delegar, pois, acompanhando de maneira crítica as ações do líder eleito, pode se responsabilizar pela sua escolha.

Meneghetti (2009) alerta que, muitas vezes, ocorre uma relação de prepotência infantil do eleitor, pois ele vota sem ter o conhecimento e depois acusa os dirigentes. “Os cidadãos alienam a própria responsabilidade e o próprio infantilismo culpando os grandes expostos. É o conceito de deslocamento do complexo de culpa individual - em modo freudiano” (Meneghetti, 2009, p. 40). Os votantes, depois que elegem sem ter conhecimento, atacam e destroem o político que elegeram, portanto, é fundamental a responsabilização dos votantes. O autor entende que, “os verdadeiros culpados não são os expostos, não são ‘quem é o Estado’, mas os pequenos capilares que produziram em alteridade as próprias intimidades inconscientes” (Meneghetti, 2009, p. 41). Embora o político seja o representante e cumpra o papel do Estado, precisa compreender esse jogo para não cair nas armadilhas das redes capilares inconscientes dos votantes. A prudência da responsabilização constante por meio dos mais diversos mecanismos é fundamental para o crescimento de todos.

Na origem das instituições e dos governos, não existe somente uma política, são tantas, como são tantos os modos da música, da poesia, do amor, da economia, da medicina etc. Porém, nessas grandes variáveis deve existir um conectivo, um nexo simples que dá unidade de ação às infinitas variáveis dos diferentes modos do humano (Meneghetti, 2009, p. 41).

Meneghetti (2009) alerta que, no interior dos contextos institucionais, em função de sua origem, existem muitas variáveis, porém o que une tudo é o Em Si ôntico do ser humano. Este é o critério pelo qual o líder que ocupa um cargo político deve se pautar: “[...] a unidade de ação que formaliza a identidade do homem - Em Si ôntico, ou seja, o original edênico que a natureza semeia em cada homem - é a partir dessa exatidão” (Meneghetti, 2009, p. 41). Uma vez que o político encontra e opera a partir dessa unidade de medida, tudo está garantido.

No jogo dos papéis sociais, o líder não deve acreditar neles, mas usá-los como mediação para conquistar algo maior. Os papéis são ferramentas, são os meios úteis, como no jogo de xadrez, em que, para ganhar, pode-se usar qualquer uma das peças, sem acreditar ser nenhuma delas. Estas podem ter sua utilidade e funcionalidade para aquela situação dar mais identidade, mais ser ao líder.

Um grande potencial existe no direito, ou seja, encontrar passagens jurídicas que responsabilizam os cidadãos e que os levam a atitudes elevadas. Esse é um problema que todo

o político deve afrontar: encontrar uma regra geral que todos possam pactuar e que garanta uma melhor vida a todos os cidadãos e às futuras gerações de cidadãos. A maior obra não é aquela do cuidado da infraestrutura, mas aquela que deixa princípios que garantem o humanismo perene⁶ (Meneghetti, 2014). Meneghetti entende que lei é o que liga, condiciona. E, com alguns poucos princípios gerais incluídos nas legislações ter-se-ia o suficiente para garantir o bem comum ao humano naquele contexto e tempo.

Meneghetti (2022, p. 285) compreende que o que determina o poder político é o consenso. Por isso, “*vence na política quem sabe manipular o consenso*”. Continua o autor: “um inteligente homem que queira servir - de maneira epistêmica, ontológica - o seu país e o seu povo, deve saber manipular o consenso; caso contrário, é melhor que não faça política”. Neste sentido, entendemos que a arte do poder na política deriva da capacidade do líder em saber produzir e governar com o consenso. Embora esse não espelhe a realidade dos fatos, será ele que, com o poder, dará o sucesso e o bem comum para todos. O fazer política deve ser transcendente, mas para isso, deve-se saber construir o consenso.

Ainda, para elucidar outros importantes aspectos do poder, Meneghetti (2022, p. 171) acrescenta que, “no fim da alta política, são os empresários que condicionam a política do mundo (petróleo, bancos etc.) são eles que fazem o tabuleiro de xadrez das referências sucessivas”. Portanto, é a economia, ou aqueles que vencem e tem o predomínio econômico, que determinam as decisões que os políticos aprovam e que precisam gerir.

5 Líder político na administração pública e desenvolvimento das pessoas

Meneghetti (2019b) explicita que algumas formas de pensar, os estereótipos socioculturais, foram disseminados como forma de poder, portanto, muitas das verdades históricas cultivadas e acreditadas são ideologias que serviram para interesses que, embora possam aparentar, não necessariamente estavam na direção da evolução do humano neste planeta. O autor (2019b) exemplifica que o racismo é uma das muitas ideologias, pois, segundo ele, o racismo não é biológico e sim psicológico. “O conceito de raça, portanto, não é aquele biológico, mas o entendo como o constituinte de culturas bem definidas, que agem e reagem no interior do contexto psicológico-inconsciente” (Meneghetti, 2019b, p. 100). O autor argumenta que o grande problema que as sociedades enfrentam não está centrado na

⁶ O humanismo perene é considerado por Meneghetti (2014) aquela forma de salvaguardar a dignidade de cada homem, cujo critério individual é o próprio Em Si ôntico e o critério humano é a constante H. “O humanismo considera cada homem como uma criatura única e extraordinária, portanto, todos os homens, mesmo que diversos, gozam da mesma dignidade” (Meneghetti, 2014, p. 74).

distribuição de renda, isto é, de ricos e pobres. Segundo ele, centra-se no racismo psíquico que faz o starter em “colocar o homem contra o homem” (Meneghetti, 2019b, p. 102).

As ideologias são estereótipos e são como os primeiros princípios, aos quais homologa-se toda a consequência dos comportamentos internos e externos de um grupo. Essa “racialidade” não faz parte de uma convenção biológica ou geográfica, mas essencialmente estruturada pelos estereótipos coletivos que especifica aquela psicologia, aquela racionalidade e as diferenciam (Meneghetti, 2019b, p. 102).

Aquele que tem a primazia da imagem tem o poder em mãos, porque a ideologia se define sempre por um símbolo, por uma imagem (Meneghetti, 2019b). Por sua vez, aquele que tem o poder político nas mãos tem os instrumentos capazes de comunicar imagens potentes que fazem realidade naquele contexto social. Por isso, é importante superar aquelas ideologias que não proporcionam crescimento ao setor público. É preciso saber coordenar racionalmente os diversos interesses para fazer crescimento: “crescimento significa: evolução qualitativa do sujeito e do contexto” (Meneghetti, 2004, p. 97).

De todo modo, para Meneghetti (1997, p. 36, tradução nossa), a ideologia nasce “como bem, como solução a um ‘aqui e agora’ histórico, como invenção do programa funcional, porém quando é fixada torna-se ‘tanática’ da função política. No seu princípio, portanto, a ideologia é eficiência, ordem funcional; no seu fixar-se é tanática”. Com essa premissa, entendemos que, de per si, as ideologias não portam danos ao humano, mas quando se tornam rígidas e fixas, geram regressão. “A substância é que precisamos sempre estar prontos a mudar as nossas ideias para ser sinérgicos com a intencionalidade da vida” (Meneghetti, 2019b, p. 117).

A ideologia pode ser um instrumento de uma solução possível em um específico aqui-agora, mas sempre deve ser relativizada porque, segundo Meneghetti (1997, p. 37, tradução nossa), nenhuma “ideologia é capaz de sustentar e garantir a ordem vital à sociedade em modo estável”. Por isso, “a política deve ser sempre livre de qualquer ideologia, para acessar funcionalmente à resposta mais eficiente da vida em si, por como se expõe naquele determinado contexto histórico imediato e improrrogável” (Meneghetti, 1997, p. 39, tradução nossa). As massas, por meio das ideologias, podem instrumentalizar o removido inconsciente das próprias frustrações para operar a necessidade da própria autodestruição.

Quando a humanidade, com as suas ideologias, não é sinérgica à intencionalidade de natureza, é posicionada em esquizofrenia existencial: muitos são os indivíduos, mas poucas as pessoas eleitas junto à grande vida. Se a vida vai para um lado e as sociedades humanas para outro, é normal e lógico que a humanidade esteja doente em qualquer lugar, e que os governos estejam doentes (isto é, não funcionem), porque não existe a

intencionalidade sinérgica entre o processo problemático da história e o enveramento do Em Si ôntico do individual coletivo (Meneghetti, 2019b, p. 114).

O líder político, tem a vocação de conduzir a massa das pessoas e, por isso, deve estar atento em seguir a moral da vida⁷ e servir à comunidade, auxiliando-a e favorecendo uma cultura e um estilo de vida vital e elevado, que promova os valores mais profundos do homem como protagonista de sua história neste planeta, em um humanismo perene. Daí decorre a responsabilidade do líder em liberar-se dos estereótipos e ideologias, sabendo coordenar essa realidade potente por meio dos instrumentos de poder que dispõe. Portanto, o líder político não deve querer salvar as ideologias, mas sim, manter sempre íntegra a função onde sopra o espírito. “Esse é o eterno exercício, a eterna aventura do homem livre, do homem criativo, portanto, da sociedade criativa. *A vida não foi criada, ao contrário, está em criação contínua*” (Meneghetti, 1997, p. 39, tradução nossa, grifo do autor).

Considerando que Meneghetti (1997; 2022) define a política como uma arte ou um exercício de gerar o bem comum, no sentido de todos os cidadãos possuírem vantagens, é importante especificar como o líder político pode contribuir para modificar a cultura na relação público-privado e/ou comunidade que está a liderar. Para isso, retomamos o conceito de política que o autor traz em um texto da década de 1990, onde, segundo ele:

A política é a arte, a análise, a capacidade de exercitar a função do poder em benefício de todos. ‘Política’ é a razão formal para exercitar a administração geral da coisa pública. Ela se distingue de acordo com as funções aplicadas a cada área ou modalidade dos assuntos públicos: política financeira, política militar, política ambiental, política internacional etc. (Meneghetti, 1997, p. 32, tradução nossa).⁸

Neste estudo em específico, aborda-se a política aplicada na função de liderança na administração de uma cidade, de uma comunidade. Portanto, também o político é aquele que sente a urgência de ser serviço ao composto social resolvendo as problemáticas que lhe surgem.

O líder, em particular, não é alguém que vive exclusivamente para si mesmo; pelo contrário, pensa em si mesmo por último; não porque seja bom, mas porque — sendo inteligente — vive de acordo com as necessidades da natureza, que se estendem a todos. Sozinho, poderia viver a vida de um pescador, um ferreiro ou um carpinteiro, vivendo com simplicidade, mas assim que se depara com os problemas e as dialéticas da sociedade, sente-se inevitavelmente compelido a enfrentá-los. É como se a natureza o

⁷ Meneghetti (2019) explicita que existem duas morais, a moral da vida e a moral social e que ambas devem ser continuamente conciliadas, sem contudo, jamais, trair a moral da vida.

⁸ “La politica è l'arte, l'analisi, la capacità di esercitare la funzione del potere a vantaggio di tutti. "Politica" è la ragione formale per esercitare l'amministrazione generale della cosa pubblica. Si distingue secondo le funzioni applicate alla parte o modo della cosa pubblica: politica finanziaria, politica militare, politica ecologica, politica internazionale, etc (Meneghetti, 1997, p. 32).

estivesse incitando a liberar a vitalidade mais funcional (Meneghetti, 1997, p. 33, tradução nossa)⁹.

Para o líder político, trata-se de uma necessidade de natureza, portanto, existe uma complementaridade entre a sua função (a política) e a sua vocação (ser político). Então, é o líder político que se coloca a serviço eficiente para muitos, e, para o líder, o problema é a sua natural forma de se qualificar, de se exercitar. A sua preocupação, segundo Meneghetti (1997), é aquela de concluir e realizar o que já existe. Meneghetti (1997, p. 35, grifo do autor) acrescenta que a política é “*a arte de centralizar as diversas situações e resolver in progress, para a eficiência do todo*”. Portanto, “*na essência da política existe a arte de saber fazer: a capacidade inteligente de colocar as partes segundo seu potencial conjunto*” (Meneghetti, 1997, p. 35, tradução nossa, grifo do autor).

No contexto do jogo político é importante sublinhar que “não existe a coisa, o objeto sem o seu natural sujeito” (Meneghetti, 2009, p. 44). Isso significa que o líder político, no jogo do poder, deve saber gerenciar e apropriar-se do que é seu apenas. Pois a coisa clama a quem lhe pertence, esta é a ordem do mundo da vida. No “interior da situação deve-se individuar quem é o *dominus* da coisa, porque o Em Si ôntico dá a coisa ao senhor único (*intuição*)” (Meneghetti, 2009, p. 45). Sem o *dominus*, não há o que justifique a presença e o significado da coisa, pois o “objeto se torna importante se tem o seu patrão” (Meneghetti, 2009, p. 45). O autor explica que, o método ontopsicológico faz o “único nexos simples que dá a unidade de ação entre composto orgânico e projeto (categoria) psicológico-intelectual” (Meneghetti, 2009, p. 49).

Para o líder fazer a gestão da relação público-privado, deve conseguir identificar o *dominus*, a partir do qual decorre a relação hierárquica e de como o ser faz as próprias diferenças. Entre *dominus* e *res*, existe uma relação unitária, na qual a *res* clama o seu patrão, o *dominus*. E, por meio da intuição, o líder colhe a ordem implícita da unidade entre *res* e *dominus*. É o Eu lógico-histórico¹⁰ do líder que deve saber colher, nas diversas situações, o que lhe é próprio e o que não é, ou seja, saber o que é unidade de ação entre *res* e *dominus* (a coisa e o seu patrão). Portanto, o critério das relações é estabelecido pelo *dominus*, a quem pertence a coisa, a cada lugar, a cada situação. Porque “o *dominus*, sabe entrar

⁹ “Il capo, in particolare, non è una persona che vive esclusivamente in funzione di se stesso, anzi a sé pensa per ultimo; non perché sia buono, ma perché - essendo intelligente - vive della necessità della natura allargata per tutti. Lasciato da solo, potrebbe fare la vita del pescatore, o del fabbro, o del falegname, vivendo semplicemente, ma appena viene messo in mezzo ai problemi e alle dialettiche della società, si sente inevitabilmente provocato a farsene carico. È come se la natura lo urgesse a dare corsa alla vitalità più funzionale” (Meneghetti, 1997, p. 34).

¹⁰ “O Eu lógico-histórico – ou Eu voluntarístico pensante, ou Eu responsável agente – é a capacidade de mediar o real externo segundo a exigência individual do íntimo” (Meneghetti, 2021, p. 116, grifo do autor).

no *a priori* da coisa enquanto se identificam: ‘Isto é para mim’, e tudo aquilo que ressalta a extraordinária inteligência das profundas leis da natureza” (Meneghetti, 2009, p. 49-50).

Meneghetti (2009) expõe que atualmente o *dominus* é exercido pelo Estado. Contudo, hoje o Estado está instituído sem a consciência ôntica, sem o “*dominus* inteligente, que lê dentro para identificar a disponibilidade do objeto” (Meneghetti, 2009, p. 51). Disposto da forma que está, a relação entre *dominus* e *res* pode ser assassina, pois uma vez que está destituída do *dominus*, transforma-se em monstro (Meneghetti, 2009).

Meneghetti (2009) explicita que esta é a lei universal da natureza, e, portanto, embora se queira favorecer os menores e incrementar o assistencialismo, o que prevalece é o “*Ubi maior minor cessat*”, que significa: “onde se encontra o maior [em autoridade], o menor cessa [de exercitar a sua tarefa]” (Meneghetti, 2009, p. 54). O problema é que, favorecendo sempre e apenas os menores, corremos o risco de que eles se tornem o “maior”, em número e organização, e prevaleçam sobre os maiores, isto é, os mais capazes, possivelmente colapsando aquele composto social. Portanto, a garantia, por ordem de natureza, do crescimento a todos, é determinada pelo líder autêntico, maior em autoridade e capacidade de ser a si mesmo. Assim, ao governar, o líder político deve levar função e realização a todas as partes que se referem ao núcleo (Meneghetti, 1997), e aqui se coloca a função de realizar bem a gestão das pessoas. Para isso, é preciso que o líder opere mudanças nas massas (Meneghetti, 1997).

Na próxima sessão vamos trazer como o líder pode manter a qualidade dos serviços a fim de garantir a sua função de ser serviço eficiente e de evolução para todos.

6 Qualidade dos serviços e práticas além dos mandatos

A presente seção apresenta como o líder político pode portar qualidade às pessoas de sua comunidade, no sentido de ultrapassar o tempo de seu mandato e promover mudanças que impactam no contexto sociocultural e econômico ao longo do tempo. Trataremos dos desafios do líder em gerar bens e serviços que não se finalizam no período do mandato de quatro anos de liderança no cargo da administração pública e que podem promover continuidade de mudanças e melhorias benéficas ao longo de muito tempo. Será necessário, portanto, explicitar a arquitetura da forma de liderança política que transcende o tempo e o espaço.

Em Meneghetti (2025) encontramos o entendimento de que, para o líder, a qualidade é sua necessidade contínua de evolução, porque, conforme o autor “[o] líder é constrangido a qualidade, porque o *Em Si* ôntico é o sumo da qualidade do ser: a um certo nível entram grandes valores do espírito” (Meneghetti, 2025, p. 165, grifo do autor). O autor relata que os

grandes líderes, quando se encontravam com ele, manifestavam o desejo de saber “[...] o que se pode fazer para tornar mais inteligente este homem, evoluções da música, se a poesia pode ser uma expressão direta do Em Si. Esses são os verdadeiros interesses” (Meneghetti, 2025, p.165).

O autor orienta como o líder pode operar essas mudanças na massa. Argumenta que, no contexto da globalização, o mundo muda a cada oito horas e essa realidade deve ser sempre presente aos líderes que governam. Para estar preparados para entrar com competência no organograma nacional, os líderes políticos devem ter três conhecimentos, os quais vamos explicitar a seguir (Meneghetti, 2022).

Em primeiro lugar, conforme o autor, “*o político deve saber as necessidades fundamentais da sua sociedade*”, isto é, “compreender o que serve à função cívica, jurídica, educacional e a todos aqueles aspectos fundamentais que fazem de um brasileiro um capaz cidadão do mundo” (Meneghetti, 2022, p. 173, grifo do autor). Neste aspecto o autor se refere ao resgate da cultura humanista clássica europeia, pois é aquela que é constituinte da identidade brasileira. É preciso resgatar essa identidade histórica da qual deriva toda a América Latina, “é necessário estudar as raízes da grande mãe da cultura humanista universal” (Meneghetti, 2022, p. 175). Elementar neste sentido é oferecer o conhecimento sobre a cultura e sobre as raízes da língua portuguesa: o latim e o grego. “*A alternativa que eu proponho é esta: recomeçar uma identidade cultural partindo da Europa de sempre - não da Europa geográfica de hoje -, que seria a cultura do homem de sempre*” (Meneghetti, 2022, p. 227, grifo do autor).

Neste primeiro aspecto existem muitos particulares que estão implícitos, tais como as fábulas, as músicas, os vestuários e os comportamentos capilarizados que destroem o protagonismo da pessoa e os massificam. Segundo Meneghetti (2022, p. 177, grifo do autor):

deve ser repensada toda a grande cultura e restituído um pouco do classicismo do homem universal também no Brasil. *É preciso refundar a identidade autóctone do homem nesta terra.* O político deve compreender as reais necessidades da sua gente hoje e no futuro para a globalização de sempre.

O político pode mudar as massas interferindo e promovendo uma cultura autêntica, aquela que é a “genuína capacidade do homem desta terra” (Meneghetti, 1997, p. 177). Deste modo, é preciso favorecer aos jovens “o orgulho de ser grande para a própria terra”. De modo mais específico, sublinha o autor que “*é preciso dar uma estrada aos mais inteligentes da nossa terra, também porque o poder chega sempre em mãos de quem é mais inteligente*” (Meneghetti, 2022, p. 197, grifo do autor).

O segundo conhecimento básico que o líder político deve ter, conforme Meneghetti (2022, p. 179, grifo do autor) é “*que deve ser superior por estratégia e conhecimento prático de tudo aquilo que é a fenomenologia do poder no mundo*”. O autor explica que é preciso conhecer os baricentros do poder político e econômico. E, a partir disso, mudar as formas capilares ultrapassadas que permeiam os modelos de pensamento da grande massa. Meneghetti (2022) traz um exemplo concreto das matérias de jornais sobre o Brasil que são publicadas na Europa e as que são publicadas no Brasil, demonstrando como as notícias condicionam posteriormente a realidade econômica e política do país, porque muitos querem a riqueza do nosso território e, portanto, se informam sobre nossa política, enquanto nós não nos posicionamos, focamos em outras notícias.

Por isso, os líderes políticos devem ter uma “*inteligência da estratégia estrangeira*” (Meneghetti, 2022, p. 203). Portanto, com sabedoria (estratégia e conhecimento), valorizar e promover a apropriação, conquistar o primado do modo de ser brasileiro, da própria identidade. Lembra o autor que “o Brasil é superior” (Meneghetti, 2022, p. 193), grande, tem um potencial humano e recursos naturais abundantes, porém é preciso conhecer e ter responsabilidade para gerir de modo capaz essa enorme riqueza. Os líderes políticos são os primeiros responsáveis, pois, se eles permitem, os outros podem se apropriar indevidamente dessa riqueza. Meneghetti (2022) usa uma metáfora do pastor e as suas ovelhas, ou seja, se o pastor não está atento, as ovelhas são roubadas pelo primeiro ladrão.

Com a globalização em ato, “é possível a superioridade da pessoa, é um grande evento para a personalidade humana” (Meneghetti, 2022, p. 195). É fundamental o líder político saber reconhecer quem são os vencedores e aliar-se a eles, e se não os encontrar, pode formá-los desde o início. Observa o autor que não são necessários muitos, mas sim um pequeno grupo de quatro ou cinco operadores novos. “É gente comum, aparentemente, mas de particular inteligência e sensibilidade. Gente que tem carisma natural, ambição e inteligência, coragem de ação” (Meneghetti, 2022, p. 197).

Neste ponto o autor explicita o “politicamente correto”, e demonstra que no jogo político é preciso ter maturidade superior. Não se pode ser ingênuo, pois, “sobretudo hoje, na globalização, é necessário entender que o mundo é uma multiplicidade de jogos, onde se vence e se perde” (Meneghetti, 2025, p. 41). É preciso saber as regras do jogo que se está jogando, como elas funcionam e saber jogar dentro daquele jogo. Conforme o autor, no Brasil, ainda os brasileiros estão fixados em uma ideia de justiça natural do passado, cujas bases são a ética católica ou cristã.

“O político brasileiro deve ter transparência sobre o que é o jogo politicamente correto dos outros e não se pode atacá-lo com argumentos morais, é um erro: é preciso contra-atacar com lógica jurídica racional e política” (Meneghetti, 2022, pp. 185 e 187, grifo do autor). Então *“não se pode entrar na política com mitos no cérebro”* (Meneghetti, 2022, p. 187), porque se pode instrumentalizar os meios disponíveis. O político deve, portanto, *“organizar em todos os modos a matéria para que se tenha um resultado de evolução humana, se ama o seu povo, a sua gente, a sua terra. Se quer ser honesto em sentido antigo, então é melhor que deixe de lado a política e o ato empresarial”* (Meneghetti, 2022, pp. 187 e 189, grifo do autor).

Como saber o melhor posicionamento para jogar e vencer neste complexo contexto do tabuleiro político e social, qual é a ética, qual é o critério a seguir? Meneghetti elucida que *“o Em Si ôntico é fundamental para entender como é preciso posicionar o jogo, mas o jogo é ainda mais forte, mais pesado, é violento”* (Meneghetti, 2025, p. 41). Complementa que, *“[s]e o sujeito consegue encontrar o seu papel, não há problema. [...] não é possível eliminar o jogo externo”* (Meneghetti, 2025, p. 41). Portanto, em cada contexto, em cada situação há uma verdade social, que faz parte daquele jogo, daquele contexto. Por isso, o líder político, deve compreender bem as regras daquele jogo, mas essencialmente, conhecer bem a si mesmo, porque, o parâmetro quem indica sempre é o próprio Em Si ôntico do líder: *“ele ensina como ser a si mesmo, mas também como jogar as imagens, as posições, os estilos, os complexos, os estereótipos”* (Meneghetti, 2025, p. 43).

Quanto ao terceiro conhecimento do líder político, Meneghetti (2022, p. 197, grifo do autor) orienta que este deve *“saber tudo e fazer muito pouco, porque ele antecipa tudo - é um solitário também em família: faz a ótima esposa, o ótimo marido, mas é uma mente a serviço do que é a grande providência da vida, e nisso não há família”*. Apenas desta forma, o líder pode operar a sua criatividade, a sua intuição, pois ele é um solitário operador da vida. Para cumprir a sua vocação, deve estar nos lugares onde pode prestar o melhor serviço ao seu povo, pois, se o líder *“não se acorda e não age a inteligência do poder, é cúmplice do ladrão externo que coloca em pobreza e em inferioridade o seu país”* (Meneghetti, 2022, p. 203).

Para elucidar como o líder político pode fazer uma administração que transcenda o seu período de mandato, recorreremos aos três conselhos práticos de Meneghetti (2022). O autor indica, em primeiro lugar, que o líder precisa *“formalizar o ponto de solução às exigências do país”* (Meneghetti, 2022, p. 203, grifo do autor). Entende o autor que é necessário responsabilizar o povo para aprender a serem artesãos, especialmente os jovens. Exemplifica trazendo as taxas de importação que o Brasil cobra, esclarecendo que na China não há alfândega e impostos como esses, pois essas taxas beneficiam poucos, enquanto sem taxas, se incrementa

a riqueza de todo o país. Portanto, a saída é a educação à responsabilidade: “quando tiramos a responsabilidade do automantimento, excluimos também a nobreza, o orgulho de serem ativos, generosos da sociedade e da vida” (Meneghetti, 2022, p. 205 *apud* Meneghetti 2013, p.16).

O segundo conselho prático que Meneghetti (2022, p. 207) dá aos líderes políticos é de “*formalizar melhor as riquezas que possuem*”, ou seja, sugere que sejam trazidos ao Brasil os melhores artesãos da Europa, os mestres de todos os setores, durante um período, para formar os jovens e, a partir de então, o Brasil, torna-se referência naqueles setores. Essa é uma saída também para a Europa que está com superabundância desse tipo de profissional. “Trata-se de começar a comprar os técnicos médios, com os quais produzir depois milhares de técnicos brasileiros, para a gestão da corrente elétrica, da madeira, de qualquer coisa” (Meneghetti, 2022, p. 207). Essa é a forma de produzir riqueza e bem-estar trazendo aumento de economia e cultura, repercutindo no bem comum.

O terceiro conselho diz respeito à pessoa do líder político, que “*deve adquirir uma profundíssima identidade do seu espírito a serviço do país que o mantém*” (Meneghetti, 2022, p. 207). Isso para se elevar, porque, do contrário, ele se torna inferior, e, no confronto dialético com outros líderes políticos de maior hierarquia, sente medo. Trata-se de agir conforme sua identidade, salvaguardando sua dignidade, não agindo ingenuamente em conformidade com a ética natural, apropriando-se do que é próprio de cada povo, de cada território: “procurem fazer com que o Brasil esteja em mãos de brasileiros” (Meneghetti 2022, p. 211). É preciso exercer uma psicologia humanista, respeitando o que é dos outros, mas também salvaguardando o que é próprio, uma vez que, se garantidos os princípios “*de um autêntico humanismo universal*, é garantida a criatividade do humano, teremos a eficiência do multiculturalismo [...]. Na minha visão, *políticos, empresários e intelectuais têm a primeira responsabilidade deste país*” (Meneghetti, 2022, p. 213, grifo do autor). Continua o autor, “o político, se possui dignidade e responsabilidade de responder a uma vocação interior, como serviço à comunidade, deve ser uma inteligência preeminente, extremamente materialista e racionalista, que pode trair tudo, menos o escopo: a eficiência econômica do seu país” (Meneghetti, 2022, p. 215).

Portanto, estes três conselhos práticos, se operados racionalmente pelo líder político, portam uma profunda cultura humanista no interior das relações, a qual se capilariza e, assim, promove mudanças profundas no contexto em que o líder exerce o seu mandato. Essas transformações perduram muito além do tempo circunscrito de um mandato e podem trazer outras novas formas de vida para a população, que sejam mais funcionais à evolução de todos.

Considerações Finais

A importância deste estudo reside na necessidade de construir um repertório prático capaz de orientar líderes que ocupam cargos na gestão da administração pública municipal, colaborando para a garantia do humano no contexto social. O objetivo geral consistiu em analisar como a *forma mentis* empresarial pode contribuir para o desenvolvimento do contexto social no exercício dessa função pública. Metodologicamente, a pesquisa caracterizou-se como um ensaio teórico de revisão bibliográfica e natureza qualitativa, fundamentado principalmente na obra de Antonio Meneghetti.

O estudo atingiu seu primeiro objetivo específico ao explicitar que a vivência empresarial contribui com uma lógica de eficiência e competência econômica indispensável para o fazer político. As discussões demonstraram que o líder empresário atua como um “centro operativo” e estrategista, utilizando sua inteligência para coordenar meios e pessoas em função de um escopo, o qual, na esfera pública, deve ser o bem comum. A mente do líder, ao transpor a experiência do setor privado, funciona como um vetor de criatividade que busca o sucesso do projeto social, tratando o sistema e suas regras como ferramentas para alcançar resultados de evolução para todos.

Para atingir o segundo objetivo específico, identificamos princípios que fundamentam a gestão de pessoas, destacando-se a necessidade de instituir uma cultura de responsabilidade e engajamento no setor público. Discutimos que os problemas administrativos não existem “em si”, mas estão na psicologia e nos comportamentos das pessoas, o que exige do líder o conhecimento dos mecanismos psíquicos e a capacidade de construir uma “psicologia do consenso”.

As principais discussões para este segundo objetivo demonstraram que o líder político deve ser um “serviço eficiente para muitos”, agindo por interesses elevados, realizando sua ambição através do que é útil à comunidade. Isso implica em promover o crescimento dos servidores não apenas por incremento salarial, mas pelo ganho em capacidade técnica e realização pessoal, e em transformar a massa em cidadãos responsáveis por meio de uma pedagogia social.

O terceiro objetivo específico foi alcançado através de reflexões sobre a parceria entre o setor público e privado, fundamentadas na relação ontológica entre a *res* (coisa) e o *dominus* (patrão). O estudo apontou que a inteligência empresarial auxilia a identificar o *dominus* da situação, permitindo que o gestor público encontre soluções funcionais e rompa com práticas burocráticas que impedem o avanço social. A economia e aqueles que possuem o predomínio

econômico são vistos como condicionantes que o político deve saber gerir com consciência ontológica para garantir a ordem e o desenvolvimento.

O problema da pesquisa foi respondido ao demonstrar que o político pode exercer a gestão pública visando a evolução de todos quando mantém a integridade de sua consciência, capaz de ler o real sem o véu de ideologias fixas. A *forma mentis* empresarial qualifica o gestor para organizar a matéria social de modo racional e jurídico, transformando a função pública em uma "missão" que utiliza a inteligência superior para gerar vida abundante à coletividade.

As limitações desta pesquisa residem em seu caráter estritamente exploratório e bibliográfico, focando na análise qualitativa de materiais já elaborados e na aplicação teórica dos princípios da ciência Ontopsicológica ao contexto da administração municipal. As possibilidades de continuidade deste trabalho incluem o aprofundamento em estratégias práticas para a formação de novos técnicos e artesãos brasileiros, visando a independência econômica e cultural do país. Desdobramentos futuros poderiam explorar especificamente a "inteligência ao feminino" na liderança política, analisando como a mulher líder pode superar estereótipos para contribuir historicamente com o contexto social.

Concluimos este estudo com a reflexão de que a política, quando exercida com responsabilidade e fundamentada no humanismo perene, deve deixar de ser um jogo por poder e tornar-se uma "arte de saber fazer". O líder político, ao alinhar sua intencionalidade com a "ordem única da vida", torna-se um funcionário do social como providência do espírito, garantindo que a gestão da *res* pública seja o palco da contínua criação e evolução humana.

Referências

MENEGHETTI, Antonio. **A crise das democracias contemporâneas**. Recanto Maestro (RS): OntoEd, 2014a.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre ... Criatividade e Liderança na práxis existencial**. Recanto Maestro (RS): Fundação Antonio Meneghetti, 2025.

MENEGHETTI, Antonio. **Antonio Meneghetti sobre ... Pessoa e Sociedade**. Recanto Maestro (RS): Fundação Antonio Meneghetti, 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 5. ed. Recanto Maestro (RS): Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

MENEGHETTI, Antonio. **Direito, consciência e sociedade**. Recanto Maestro (RS): OntoEd, 2009.

MENEGHETTI, Antonio. **Do humanismo histórico ao humanismo perene**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2014b.

MENEGHETTI, Antonio. **100 vocaboli di psicologia elementare**. Roma, Psicologica Editrice, 1987.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4 ed. Recanto Maestro (RS): OntoEd, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia, política, economia**. Roma, Psicologica Editrice, 1997.

MENEGHETTI, Antonio. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro (RS): OntoEd., 2019a.

MENEGHETTI, Antonio. **Psicologia do Líder**. 5 ed. Recanto Maestro (RS): OntoEd, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e personalità**. Roma (IT): Psicologica Editrice, 2002.

MENEGHETTI, Antonio. **Sistema e Personalidade**. Recanto Maestro (RS): OntoEd, 2019b.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.